

CONTATO LINGUÍSTICO E MUDANÇA LINGUÍSTICA NO NOROESTE AMAZÔNICO: O CASO DO KOTIRIA (WANANO)¹

Kristine STENZEL

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Elsa GOMEZ-IMBERT

CNRS/ERSS Université Toulouse-Le Mirail

RESUMO

Neste trabalho, examinamos a situação de contato linguístico Aruák/Tukano Oriental no noroeste amazônico e seus efeitos em línguas TO da sub-região do Uaupés. Consideramos também algumas hipóteses propostas em Aikhenvald 2002 quanto à natureza da difusão em situações de contato (multilateral/unilateral, direta/indireta) e os resultados linguísticos (enriquecimento vs. empobrecimento / abandono de padrões).

ABSTRACT

In this paper we examine the situation of Arawak/Eastern Tukanoan linguistic contact in northwest Amazonia and its effects in the ET languages of the Vaupés sub-region. We also consider certain hypotheses proposed in Aikhenvald 2002 regarding the nature of diffusion (multilateral/unilateral, direct/indirect) in contact situations and its linguistic consequences (enrichment vs. abandonment of patterns).

PALAVRAS-CHAVE

Contato linguístico. Línguas Aruak. Línguas Tukano Oriental.

KEY WORDS

Arawak languages. Eastern Tukanoan languages. Linguistic contact.

¹ A pesquisa das línguas Kotiria (Wanano) e Wa'ikhana (Piratapuyo) recebeu apoio financeiro da Endangered Languages Fund, da Wenner-Gren Foundation for Anthropological Research, da National Science Foundation (0211206), da NSF/NEH Documenting Endangered Languages Program (FA-52150-05), do CNPq, e do Hans Rosing Endangered Languages Documentation Program - SOAS/University of London (MDP-0155), bem como apoio institucional e logístico no Brasil do Instituto Socioambiental, do Departamento de Linguística e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS)/MN da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

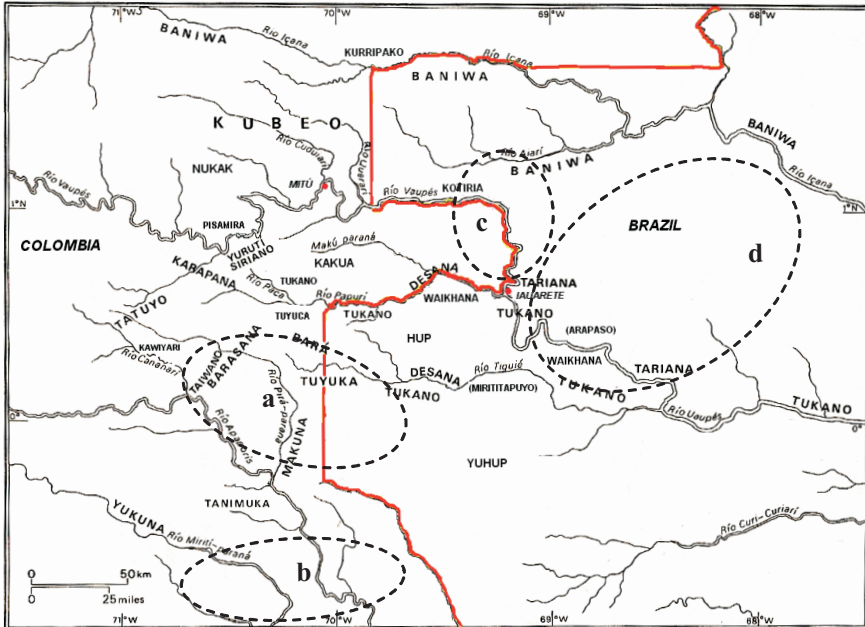
Introdução

A região do Uaupés, no noroeste amazônico na fronteira entre Brasil e Colômbia, é conhecida por seu multilinguismo e seu sistema social baseado em exogamia linguística, em que os casamentos só são permitidos entre indivíduos que falam línguas diferentes (Sorensen 1967, 1985; Gomez-Imbert 1991, 1999; Jackson 1983; Aikhenvald 1999; Stenzel 2005*a*). Nesse sistema, cada indivíduo “fala” a língua do pai enquanto, por mais proficiente que seja, apenas “imita” outras, inclusive a língua da mãe. Essa distinção reflete o fato de que o uso ativo e exclusivo da língua do pai indica a identidade da pessoa como membro de um grupo social patrilinear e linguístico. Além da exogamia linguística, a norma da virilocalidade junta numa mesma maloca ou aldeia esposas de vários grupos exogâmicos. Assim, cada criança se forma num ambiente doméstico bilíngue e numa comunidade multilíngue, adquirindo primeiro a língua da mãe, mas depois adotando o uso exclusivo da língua do pai para afirmar a sua identidade social. Esses padrões de aquisição e uso linguístico tornam inevitáveis as influências mútuas entre as línguas em contato e criam um contexto rico para pesquisadores interessados em situações de mudança linguística.

No entanto, há poucos estudos que investigam as influências resultantes dessa situação de contato, que envolve quinze grupos exógenos da família Tukano Oriental (TO) e quatro grupos Aruák (AR)².

² Os grupos TO são os Bará, Barasana, Desana, Eduria/Taiwano, Karapana, Kubeo, Makuna, Siriano, Retuarã/Tanimuka, Tatuyo, Tukano, Tuyuka, Yurutí, Kotiria (Wanano), e Waikhana (Piratapuyo). Os grupos AR são os Baniwa/Kurripako, Kariyari, Tariana, e Yukuna. Nas regiões interfluviais vivem quatro grupos da família Nadahup (Makú)—os Hup, Yuhup, Nukak e Kakua—que não participam do mesmo sistema de casamento, mas que mantêm outros tipos de relações sócio-culturais e econômicas com os grupos ribeirinhos (ver Jackson 1983: capítulo 8; Chernela 1993: capítulo 8; Ribeiro 1995; e Epps 2005*a*:12-27).

FIGURA 1. A região do Uaupés e os principais focos de contato TO/AR



Semelhanças resultantes do contato entre línguas de uma mesma família certamente existem, mas são dificilmente distinguidas dos traços compartilhados atribuíveis à herança genética. No entanto, há alguns estudos, por exemplo os de Gomez-Imbert (1991, 1993, 1999, no prelo-*b*; e Gomez-Imbert & Hugh-Jones 2000), que tratam de contato entre as línguas TO da região do Piraparaná. Alguns outros estudos focalizam influências observadas em algumas das principais situações de contato *entre* famílias. Gomez-Imbert (1996) analisa uma categoria gramatical do Kubeo (TO) que revela influência do Baniwa (AR, na área *c* na figura 1) e atualmente esta mesma pesquisadora investiga a situação de contato entre os Tatuyo, Barasana/Edúuria (Taiwano) (TO), e Kawayari (Kabiyari) (AR) no alto Cananari e no alto Piraparaná (área *a*). Aikhenvald (1999, 2002) descreve o caso de influência massiva da língua Tukano (TO) sobre o Tariana (AR) (área *d*) e resume alguns dados referentes ao contato intenso entre o Tanimuka/Retuarã (TO) e o

Yukuna (AR) no baixo Apaporis (área *b*)³.

Aikhenvald (2002:1-31) também propõe algumas hipóteses gerais relacionadas aos efeitos lingüísticos do contato⁴. Ela afirma, em primeiro lugar, que situações de contato sem língua dominante se caracterizam pela difusão multilateral e gradual de traços, e resultam num enriquecimento mútuo de padrões. A “área lingüística” do Uaupés, pelo menos até o século dezenove, seria um caso desse tipo, com convergência de características AR ⇔ ET e enriquecimento dos recursos lingüísticos de línguas de ambas as famílias. Por outro lado, situações em que uma língua domina provocam mudanças descontínuas e rápidas, com difusão unilateral de padrões encontrados na língua dominante e o abandono de estruturas não encontradas nela. A língua Tariana (AR), principalmente no século vinte, teria passado por um processo de difusão unilateral da língua Tukano (TO), resultando numa série de isomorfismos estruturais e na criação de uma gramática “Tukanizada” (Aikhenvald 2002:277, tabela 12.1). No mais, Aikhenvald afirma que especificamente no contexto tradicional do Uaupés, a maioria das influências fonológicas, morfológicas e sintáticas atribuíveis ao contato são casos de difusão *indireta*, ou seja, difusão de categorias ou elementos de categorias. O uso de empréstimos lexicais – difusão *direta* – é um fenômeno menor, culturalmente reprimido e limitado ao uso mais freqüente de padrões raros.

Neste trabalho, examinamos essas hipóteses à luz de dados provindos principalmente do Kotiria (Wanano),⁵ uma língua TO falada na sub-região do alto Uaupés, na qual detectamos padrões e inovações

³ Além dos estudos de contato AR/TO, Epps (2005*b*, 2007) analisa uma série de mudanças estruturais diacrônicas em Hup sob influência de contato com Tukano.

⁴ Ver resenhas dessa obra em Meira & Gomez-Imbert (2005); Stenzel (2005*b*).

⁵ O grupo é conhecido por vários nomes na região e na literatura, entre outros, Wanano, Uanano e Guanano. No entanto, em 2006, lideranças das comunidades, junto a diretores, professores e alunos da escola indígena, decidiram em assembléia pela adoção do uso exclusivo de seu nome tradicional, *Kotiria* “povo d’água”, para referência tanto ao povo quanto à língua, pedindo que pesquisadores e outros assessores de fora respeitassem essa importante decisão política e a apoiassem como expressão de autodeterminação e de valorização cultural. Outros grupos da região têm tomado decisões parecidas, entre outros, os Wa’ikhana (Piratapuyo). Acatamos esses pedidos neste artigo.

atribuíveis à influência Aruák. No processo de análise dos dados, tivemos sempre em mente várias questões de teor metodológico (ver Heine & Kuteva 2005:21-34). Primeiro, consultamos análises de vários tipos—antropológicas, históricas e arqueológicas—para podermos entender o tempo de contato e avaliar a natureza das relações entre os grupos em questão. Segundo, para cada inovação que suspeitamos ser fruto de contato, pesquisamos a literatura linguística existente para verificar se o elemento se encontra em outras línguas TO sem o mesmo contato, e também avaliar se o elemento poderia ter se desenvolvido por outras vias que não a do contato. Finalmente, adotando uma perspectiva histórica em que a dinâmica das relações sócio-linguísticas tem um papel fundamental, para cada inovação, consideramos a questão de direcionalidade AR ⇔ TO e a possibilidade de ter havido “correntes” de difusões ocorridas em períodos diferentes.

O trabalho tem a seguinte estrutura: a Seção 1 descreve a situação de contato entre os Kotiria e os grupos “cunhados” vizinhos: os Kubeo (TO), Baniwa e Tariana (ambos AR). A Seção 2 descreve as inovações fonológicas atribuídas ao contato, e a Seção 3 focaliza as inovações morfológicas.

1 O contato entre os Kotiria e os grupos vizinhos

A população Kotiria é de aproximadamente 1.600 indivíduos, 68% dos quais vivem na Colômbia e 32% no Brasil (FOIRN & ISA 2006:43). A maior parte da população ainda vive no território tradicional dos Kotiria no alto do rio Uaupés, entre a cachoeira de Arara e a cidade colombiana de Mitú⁶. Documentos históricos analisados por Wright (2005:80-81) confirmam a ocupação desse território pelos Kotiria em 1740, e a história da região reconstruída através de narrativas orais e pesquisa arqueológica indica uma ocupação muito mais antiga, que

⁶ Segundo estudos recentes do Instituto Socioambiental, 140 Kotiria (cerca de 9% do total) residem na comunidade de Iauaretê Andrello, et. al. (2002) e 101 Kotiria (6% do total) vivem na cidade de São Gabriel da Cachoeira (FOIRN & ISA 2005:20). Não há estatísticas sobre o número de Kotiria que residem em Mitú.

antecede a migração dos Tariana ao Uaupés em aproximadamente 700 anos (Amorim 1987; Neves 1988:158, 206; Wright 2005:13).

A localização geográfica dos Kotiria fica na margem noroeste da região, longe do centro ocupado por outros grupos TO, e os mantêm em contato próximo com dois grupos AR com os quais formaram relações de aliança e casamento: os Tariana, cujo território no Uaupés começa pouco abaixo do território Kotiria, e os Baniwa, que vivem em comunidades no rio Aiari ligadas a comunidades Kotiria por trilhas terrestres relativamente curtas (ver Koch-Grünberg 1995a:167-176, e Neves 1988:116-117). Subindo o Uaupés, entra-se no território dos Kubeo (TO), que historicamente também mantêm relações próximas com os Baniwa (ver Goldman 1963; Koch-Grünberg 1995b:68; Gomez-Imbert 1996:446; Wright 2005:11). É importante frisar que o *sib* Kubeo com o qual os Kotiria mantêm relações de casamento, os *Yurémava*, é também o *sib* que exibe a maior influência linguística AR; são descendentes de falantes da língua AR *Inkacha* que migraram para o território Kubeo no rio Querari e lá se assimilaram à população local⁷.

Vemos, então, que no contexto social Kotiria há uma notável influência Aruák. A história das relações entre os grupos TO Kotiria e Kubeo e os grupos AR Baniwa e Tariana se reflete tanto em evidência física quanto em tradições orais de vários tipos. Por exemplo, tanto Koch-Grünberg (1995b:63), no início do século vinte, como a expedição de Rondon de 1928⁸ documentaram cerimônias Kotiria/Kubeo e Kotiria/Baniwa que indicam relações antigas entre os grupos e o compartilhamento de conhecimentos tradicionais, como a confecção de máscaras cerimoniais feitas de *tururi* tanto pelos Kubeo como pelos Kotiria⁹. Os Kubeo também

⁷ Informação fornecida por Simón Valencia López, linguísta Kubeo e membro desse *sib*, em comunicação pessoal. Ver também Valencia López (1994).

⁸ Num filme intitulado “No Rio Içana”, da coleção da Comissão Rondon no Museu do Índio, Rio de Janeiro.

⁹ A produção especializada e troca de bens entre grupos linguísticos é um traço marcante da sociedade do Uaupés (Ribeiro 1995: 63-71). Por exemplo, os Baniwa tradicionalmente produzem raladores de mandioca, os Tukano fazem bancos de madeira, os Tuyuka fazem canoas, os Desana e Bará cultivam e preparam tinta corporal *caraiuru*, etc. O fato de tanto os Kubeo como os

figuram na literatura oral Kotiria, por exemplo, no mito que reconta que o nome *Kotiria*, “povo da água” foi dado pelos Kubeo (Stenzel 2004:22). Várias narrativas Baniwa identificam os Kotiria como aliados em guerras travadas contra grupos Kubeo e Sulia (um grupo do Papuri, agora extinto) no século dezenove (Wright 2005:89), e uma série de histórias Tariana fala de guerras, e mais tarde, alianças defensivas com os vizinhos Kotiria (Amorim 1987; Neves 2001).

De acordo com as normas do sistema Uaupés, até hoje, as alianças estabelecidas entre os Kotiria e os Kubeo, Tariana e Baniwa são refletidos na prática de casamento. Atualmente, cerca de 50% dos homens Kotiria são casados com mulheres desses três grupos¹⁰, e podemos supor que as três línguas figuram historicamente no “repertório” de línguas mais faladas pelas esposas nas comunidades Kotiria. De fato, um pequeno censo linguístico feito com 40 homens Kotiria mostra que o Baniwa e o Kubeo ainda figuram entre as línguas mais conhecidas, as outras são o Tukano, o Desana, e o Tuyuka (Stenzel 2005a:20-21).

O mesmo censo mostra que apesar do grande número de casamentos entre homens Kotiria e mulheres Tariana (mais de 25% do total), a língua Tariana não figura mais no “repertório” linguístico dos Kotiria, evidenciando o fato de que quase todos os Tariana falam Tukano atualmente. Não sabemos exatamente quando esse processo de mudança linguística começou, mas já no início do século vinte, Koch-Grünberg (1995b:23, 28), em viagem pela região, nota o declínio do uso de Tariana em Iauaretê e nas comunidades do médio Uaupés. Uma hipótese bastante plausível é que o processo teve seu começo após as invasões devastadoras das expedições escravagistas no meio do século dezoito, que resultaram numa redução drástica da população Tariana. Não sabemos com certeza, mas se as datas estimadas da migração Tariana ao

Kotiria produzirem máscaras cerimoniais feitas com a camada interna da casca da árvore *tururi* (*ficus brosimum*) indica relações extremamente próximas entre esse grupos.

¹⁰ Dados sobre casamentos em 12 comunidades Kotiria foram coletados por Kristine Stenzel e Lucía Alberta Andrade de Oliveira, do Instituto Socioambiental, em setembro de 2004. Dados referentes aos homens Kotiria que residem em Iauaretê são de Andreello et al. (2002). Não há informações sobre as comunidades no Uaupés colombiano.

Uaupés forem corretas, podemos presumir que houve contato linguístico Kotiria-Tariana durante 400-500 anos.

Constatamos assim que os Kotiria mantêm contato prolongado não só com dois grupos AR mas também com o sub-grupo dos Kubeo mais influenciado por contato com os Baniwa. Podemos então esperar encontrar evidências de influência AR maior na língua Kotiria do que em outras línguas TO da região, como Wa'ikhana e Tukano, cujo contato com línguas AR se restringe principalmente ao Tariana. Analisaremos agora dados comparativos para investigar quais inovações da língua Kotiria possam ser atribuídas a esse contato prolongado com falantes de línguas Aruák e considerar a hipótese de que a língua Kotiria tem sido mais influenciada do que outras línguas TO da região.

2 Inovações fonológicas

TABELA 1 - O inventário de consoantes em Kotiria

	LABIAL	CORONAL		VELAR	LARINGAL
		+ant	-ant		
OBSTRUENTES	b	d		g	-
	p	t		k	
	p ^h	t ^h		k ^h	
		s	tʃ		
APPROX.	w	[r] [l]	j. [dʒ]		h

2.1 Oclusivas pós-aspiradas

O Kotiria tem o maior inventário fonêmico das línguas TO, com seis vogais e catorze consoantes, inclusive uma série de oclusivas surdas pós-aspiradas que ocorrem somente em posição inicial de palavra. Sem

ser no Kotiria, oclusivas surdas pós-aspiradas ocorrem como fonemas apenas na língua Koreguaje, do ramo Tukano Ocidental (Wheeler 1992:40), enquanto no ramo Oriental, ocorrem foneticamente em Tukano e Wa'ikhana como resultado de processos de redução em fala rápida: raízes do tipo CVhV, como vemos em (1) são realizadas como [CHVV] (Ramírez 1997:39-40; Waltz 2002:161-4).

Algumas palavras em Kotiria são lexicalizações de reduções desse tipo, mas não há evidências que nos levem a supor que esse processo deu origem ao desenvolvimento completo de uma série contrastiva.

(1)¹¹

	TUKANO	WA'IKHANA	KOTIRIA	
a.	<i>tohá</i>	<i>tohá</i>	<i>thóá</i>	'voltar'
b.	<i>~páhi</i>	<i>pahi</i>	<i>phii</i>	'ser grande'
c.	<i>di'pihi</i>	<i>~pihi</i>	<i>-~phi</i>	classificador nominal de objetos pontiagudos

Oclusivas aspiradas ocorrem em 49% das raízes Kotiria e há dezenas de pares mínimos do tipo *ka* 'macaco' – *kha* 'gavião' que demonstram a natureza contrastiva das séries surdas aspiradas e não-aspiradas (ver também Waltz 2002:198-199). De fato, as oclusivas aspiradas constituem uma inovação notável, não encontrada nem mesmo na língua Wa'ikhana, a mais próxima do Kotiria dentro da família (ver anexo 1). Nos dados de Wa'ikhana, oclusivas aspiradas ocorrem em apenas 16% das raízes, e, como já foi mencionado, não têm status contrastivo (ver também Klump & Klump 1973:110; Waltz 2002:161). Se foi de fato o contato

¹¹ Os dados do Tukano provêm de Ramírez (1997), os do Wa'ikhana são de Waltz (2002) ou, como todos os dados do Kotiria, da minha própria pesquisa de campo. Os dados de Barasana são de Gomez-Imbert, e os dados de outras línguas TO provêm das listas de palavras encontradas em (González de Pérez & Rodríguez de Montes 2000). Nos exemplos de Kotiria e Waikhana, a marca de nasalização precede o morfema, indicando nasalização morfêmica: a nasalização se manifesta em todos os segmentos sonoros do morfema (vogais, oclusivas sonoras e aproximantes). Em todos os exemplos, o tom alto é indicado com acento agudo (´) e tom baixo não é marcado; a marca de apóstrofe (') representa uma oclusão glotal. Ver Stenzel (2007), para uma análise detalhada dos suprasegmentos em Kotiria: nasalização, tom e glotalização.

com línguas AR que estimulou o desenvolvimento de consoantes pós-aspiradas, como sugere Waltz (2002:162), não deveremos estranhar o fato de encontrá-las em maior escala em Kotiria do que em Wa'ikhana. Embora os Wa'ikhana também casem tradicionalmente com os Tariana, este seria o seu único grupo cunhado AR, os outros grupos preferidos sendo os TO Tukano e Desana.

Ao contrário das línguas TO, consoantes aspiradas são comuns nas línguas AR da região. Aikhenvald (2002:36, 297) inclui consoantes aspiradas surdas e sonoras (a coronal /dh/, três nasais /mh, nh, ñh/, e a semi-vogal /wh/) nos inventários fonológicos de ambas as línguas, Tariana e Baniwa (nesta última, inclui apenas as nasais e a semi-vogal), embora afirme na sua gramática de Tariana (Aikhenvald 2003:31, 46) que a maioria das ocorrências de consoantes sonoras aspiradas decorrem de processos de metátese. Ramirez, por seu lado, analisa todas as consoantes aspiradas do Baniwa – sonoras e surdas – como “clusters” que resultam de metátese com /h/ (2001:45). Sendo o estatus das consoantes aspiradas fonêmico ou fonético, os estudos de Aikhenvald e Ramirez nos mostram que consoantes desse tipo são um traço saliente de ambas as línguas. Waltz (2002:162-166) sugere que o contato com essas línguas há muito tempo estimulou uma aspiração secundária em Kotiria, e que esse traço se disseminou por analogia a todas as oclusivas surdas em posição inicial. Mais tarde, um processo de perda de sílabas na margem esquerda da raiz (ver Seção 2.5) acabou criando os contrastes sincrônicos entre oclusivas surdas aspiradas e não-aspiradas em início de palavra.

2.2 A africada /tʃ/ e a variante alofônica [dʒ]

O Kotiria foi a única língua TO que desenvolveu um conjunto de quatro consoantes coronais [+anterior] – as oclusivas sonora, surda e surda pós-aspirada /d, t, tʰ/ e a fricativa /s/ – além de um par contrastivo [-anterior]: a africada /tʃ/ e a aproximante /j/ (2), cujo alofone [dʒ] ocorre antes das vogais posteriores /a, o, ʊ, u/ (3).

- (2) [-anterior]
- | | | | | | | | |
|----|------------|--------|----------------|----|------------|--------|--------------------|
| a. | <i>da</i> | [dáá] | ‘ser pequeno’ | e. | <i>cha</i> | [tʃáá] | ‘comida preparada’ |
| b. | <i>ta</i> | [táa] | ‘vir’ | f. | <i>ya</i> | [jáa] | ‘enterrar’ |
| c. | <i>tha</i> | [tʰáá] | ‘grama’ | | | | |
| d. | <i>~sa</i> | [sáá] | ‘estar dentro’ | | | | |
-
- (3) a. *yoa* [j~dʒoá] ‘fazer’ d. *phayn* [pʰaj~dʒú] ‘muito(s)’
- b. *ynkn* [j~dʒuʰkú] ‘árvore’ e. *yai* [j~dʒái] ‘onça’
- c. *yuka* [j~dʒuʰká] ‘urubu’
- cf. f. *yese* [jeʰsé] ‘porco’

Waltz (2002:168-169) analisa a africada /tʃ/ do Kotiria como tendo quatro fontes na proto-língua-**s* (em início de palavra), **k*, **g* e **y* (no interior da palavra)—e caracteriza o seu desenvolvimento como palatalização condicionada por uma vogal anterior /i, e/ adjacente. Os exemplos em (4) de fato sugerem uma correspondência de TO /k/ e Kotiria /tʃ/ no interior da palavra nesse ambiente condicionador.

(4)	BARASANA	TUKANO	WA'IKHANA	KOTIRIA
	<i>wekí</i>	<i>wekí</i>	<i>wekí</i>	<i>wachn</i> [waʰtʃú] ‘anta’
	<i>~yikí</i>	<i>~yekí</i>	<i>~yekí</i>	<i>~y nɛ h n</i> [nũʰtʃú] ‘ancestral / avô’
	<i>riká</i>	<i>diká</i>	<i>dnká</i>	<i>dicha</i> [diʰtʃá] ‘fruta’
	<i>~ríbí</i>	<i>ímikóbó</i>	<i>dekó</i>	<i>dacho</i> [daʰtʃó] ‘dia’

Embora processos de palatalização desse tipo, condicionados por qualidades de uma vogal contígua, sejam fonologicamente comuns, é curioso que somente duas línguas TO–Kotiria e Kubeo (Morse & Maxwell 1999:3)–pareçam ter sido sensíveis o suficiente para desenvolver um fonema /tʃ/. Waltz (2002:170) sugere, mas não aprofunda, a hipótese de que o contato com línguas AR tenha sido um dos fatores do desenvolvimento de /tʃ/ em Kotiria, um cenário que nos parece bastante provável tanto para essa língua quanto para o Kubeo, já que ambas as línguas AR da região têm o fonema /tʃ/ ou /ts/ (Ramirez 2001:43; Aikhenvald 2002:55), herdado geneticamente do proto-AR (Aikhenvald 2002:294). A africada sonora /dʒ/ também ocorre em Tariana e Baniwa; é analisada como fonema que se originou de */j/ em Baniwa (Ramirez 2001:43, 54) e como alofone de /j/ em Tariana (Aikhenvald 2002:30). O [dʒ] alofone de /j/ em Kotiria e Kubeo espelha essas ocorrências e reforça a hipótese de uma influência areal AR sobre essas duas línguas TO.

2.3 A variação [r] ~ [l]

Em Kotiria, a oclusiva /d/ e o seu alofone, o flap [p] ocorrem em distribuição complementar, o primeiro em início de raízes, e o segundo somente no início de sufixos, e.g. *die-ro* ‘cachorro-sg’ ou no interior de raízes, e.g. o demonstrativo *a’ri*. Segundo Gomez-Imbert (no prelo), uma distribuição parecida tende a ocorrer em outras línguas da sub-região do Uaupés: em Desana, Tukano, Siriano e Wa’ikhana, /d/ ocorre em início de palavra e varia com [q] internamente, e.g. Wa’ikhana [die-do]~[die-ro]. Sabendo que processos de lenição em posições internas de palavra, nesse caso “flapping”, são relativamente comuns (Kenstowicz 1994:35), não encontramos evidência de que a variação [d~r] nesse sub-grupo de línguas TO tenha sua origem em contato.

Contudo, tanto em Kotiria como em Wa’ikhana, há um segundo processo de variação alofônica envolvendo o flap que provavelmente decorre de contato: nesse processo, morfemas em que [q] precede uma

vogal anterior /i, e/ são freqüentemente pronunciados com um alofone [l]. Assim, a pronúncia do demonstrativo *aʔri* varia entre [aʔri] e [aʔli] e sufixos como o nominalizador *-ri* ou o marcador de objeto *-re*, podem ser realizados como [li] ou [le], i.e. *~dabo-ti-ri-ro* ‘casado’, literalmente ‘um que tem esposa’, realizado como [nãmótiliro] e *wese-pn-re* ‘a/para a roça’ realizado como [we^hséptle].

O contato com línguas AR é a fonte mais provável do desenvolvimento dessa lateral em Kotiria e Waʼikhana (mas não em Tukano), já que as duas línguas, Tariana e Baniwa, têm flap e lateral cujas ocorrências são condicionadas pela qualidade da vogal adjacente. Em Tariana, o flap e a lateral ocorrem em variação livre no interior da palavra antes de vogais anteriores /i, e/ e.g. *-líphe~-ríphe* ‘segurar com firmeza’ (Aikhenvald 2002:39-40). Em Baniwa, as líquidas também ocorrem mais freqüentemente em posição interna, com a lateral ocorrendo antes de /i/ e.g. *máli* ‘garça’ (Ramirez 2001:53).

A tendência do alofone [l] ocorrer antes de vogais anteriores em Kotiria e Waʼikhana espelha em grande parte a sua ocorrência nessas duas línguas AR; ou seja, é possível que a lateral nessas duas línguas TO tenha se desenvolvido de modo a refletir as condições da sua ocorrência em línguas AR. É interessante, porém, a afirmação de Aikhenvald de que a neutralização dos fonemas flap/lateral em posição interna de palavra em Tariana é “indicativa de uma tendência que leva à redução do sistema, de modo que fique mais parecido com os sistemas [fonológicos] TO” (2002:40, tradução nossa). Embora pareça que estamos diante de hipóteses conflitantes quanto à direcionalidade de mudanças decorrentes de contato AR-TO, de fato, podemos simplesmente estar lidando com dois processos distintos que ocorreram em momentos históricos diferentes. O desenvolvimento do alofone [l] nas línguas TO pode muito bem ter acontecido durante o período prolongado de contato com o Baniwa e (um ainda-robusto) Tariana. A redução do sistema em Tariana sob influência de Tukano, que nunca desenvolveu o alofone [l], é certamente um processo muito mais recente.

2.4 A perda de V/σ em posição inicial de palavra

Uma característica notável das línguas TO da sub-região do Uaupés é a gradual elisão de material fonológico na margem esquerda das raízes, normalmente os *onsets* das sílabas iniciais com tom baixo. Esse processo é muito pronunciado em Kotiria, onde ocorreu a ampla elisão de sílabas inteiras, como vemos nos dados em (5) (ver Waltz 2002:176-177 para uma análise das restrições ativas no processo de elisão).

(5)	SIRIANO	DESANA	TATUYO	TUKANO	WA'IKHANA	KOTIRIA	
a.		<i>dekó</i>	<i>óko</i>	<i>akó</i>	<i>akó</i>	<i>kóo</i>	‘agua’
b.	<i>guikáru</i>	<i>gíkeri</i>	<i>opí</i>	<i>upí</i>	<i>upí</i>	<i>píi</i>	‘dente’
c.	<i>itã(je)</i>	<i>itã(je)</i>	<i>~ítá</i>	<i>~ítá</i>	<i>~atá</i>	<i>~táá</i>	‘pedra’
d.	<i>aariri</i>	<i>ariri</i>	<i>atí</i>	<i>a'tí</i>	<i>a'tá</i>	<i>táa</i>	‘vir’
e.		<i>api</i>	<i>~ópe</i>	<i>~ó'pe</i>	<i>~o'pé</i>	<i>~péé</i>	‘seio’

Ainda não temos explicação sólida da origem dessa elisão em Kotiria (processo que também ocorre em palavras compostas por duas raízes em Tukano, segundo Ramirez 1997:48), mas encontramos um processo paralelo em Baniwa que sugere uma origem decorrente de contato. Em Baniwa, vogais simples e vogais longas são contrastivas. Ambas podem ocorrer em posição inicial de palavra, sendo que nessa posição as vogais simples são muito mais freqüentes. Ramirez (2001:85-86) afirma que vogais simples em posição inicial freqüentemente caem na fala rápida, e há muitos casos de raízes nas quais essa elisão tem sido completamente gramaticalizada. É possível que a elisão de sílabas V (muito mais comuns em línguas TO) em Kotiria tenha sido induzida por esse fenômeno do Baniwa, generalizando-se em seguida o processo na língua. É curioso que não encontramos evidências de uma ocorrência paralela em Kubeo, mais isso pode ser devido ao fato de que, de modo geral, houve menos elisão de consoantes iniciais em Kubeo do que em outras línguas TO. Como

resultado, Kubeo ficou com um número menor de palavras iniciadas por V que poderiam ser alvos de elisão desse tipo. Precisamos de análises comparativas mais detalhadas para confirmar ou não essas hipóteses.

É mais uma vez interessante notar que, como no caso na neutralização r/l, Aikhenvald (2002:49) atribui a elisão de sílabas não-acentuadas no dialeto Tariana de Periquitos à influência de falantes de Kotiria (seus cunhados preferidos). Podemos de novo estar diante de uma corrente de mudanças induzidas por contato: Baniwa → Kotiria → Tariana.

3 Inovações morfológicas

Além das inovações fonológicas acima apresentadas, encontramos evidências que sugerem que há algumas inovações morfo-sintáticas em Kotiria que também poderiam ser analisadas como resultado de contato com línguas AR. Nesta seção, investigaremos três dessas inovações: o desenvolvimento de um paradigma de clíticos possessivos (derivados de pronomes pessoais) em Kotiria e algumas outras línguas TO, o uso inusitado de classificadores de forma com nomes animados em Kubeo e Kotiria, e a ocorrência de um negador pré-verbal em Tukano e Kotiria.

3.1 O desenvolvimento de proclíticos possessivos

Nas línguas TO, as relações parte/todo são geralmente indicadas por simples justaposição de nomes, com o nome determinador precedendo o nome dependente.

(6)	KOTIRIA	TUKANO (Ramirez 1997:327)	TATUYO (Gomez-Imbert 1981:111)
	<i>ʏnka ~phu-ri</i>	<i>wéki ~opekó</i>	<i>yai ri-po-a</i>
	árvore folha-PL	vaca leite (lit:	onça cabeça-
	‘folhas de árvore’	líquido do seio)	CLS:redondo
	<i>wa'i-kiro di'i</i>	‘leite de vaca’	‘cabeça da onça’
	animal-SG carne		
	‘carne de animal’		

Em muitas, porém não todas, as línguas TO, encontramos determinantes pronominais na mesma construção: a forma completa do pronome pessoal antecede o nome para indicar uma relação de posse inalienável, como no caso de relações de parentesco.

(7)	TUKANO (Ramirez 1997:326)	WA'IKHANA	DESANA (Miller 1999:49)
	<i>yĩ' pako</i>	<i>~bɪ'n ~dabo-do</i>	<i>igo pago</i>
	1SG mãe	2SG esposa-SG	3SG mãe
	‘minha mãe’	‘tua esposa’	‘mãe dela’

No entanto, em algumas línguas TO, inclusive Kotiria e Kubeo, a posse pronominal é marcada por proclíticos, criados (fonologicamente e morfologicamente) por redução das formas completas independentes. A Tabela 2 mostra o paradigma em Kotiria.

TABELA 2 - Pronomes e proclíticos possessivos em Kotiria

		SINGULAR	PLURAL	
1a	proclítico	<i>yɪ</i> [jɪ]	<i>~bari</i> [mãrĩ] (INCL)	<i>~sa</i> [sã] (EXCL)
	pronome completo	<i>yɪ'n</i> [jɪ'n]	<i>~bari</i> [mãrĩ́]	<i>~sa</i> [sã́]
2a	proclítico	<i>~ba</i> [mɛ]	<i>~busa</i> [mɛ ^h sã]	
	pronome completo	<i>~ba'u</i> [mũ'ũ]	<i>~busa</i> [mũ ^h sã́]	
3a	proclítico	<i>to</i> [to]	<i>tĩ</i> [tĩ]	
	pronome completo	<i>tĩro</i> [tíró] (MASC) <i>tikoro</i> [tíkóró] (FEM)	<i>tĩ-~da</i> [tĩnã]	

Notamos que para as categorias de primeira e segunda pessoa plural, as formas dos proclíticos não são reduzidas morfológicamente, como é o caso das formas singulares *yɪ* e *~bɪ*, bem como as formas da terceira pessoa *to* e *ti*. Há, no entanto, redução fonológica de todos os proclíticos: ocorrem com tom baixo e formam uma só palavra fonológica com o nome “possuído”, como vemos em (8a). Em comparação, pronomes independentes sempre têm pelo menos um tom alto. No mais, e em outros tipos de construções com nomes justapostos, como vemos em (8b), cada palavra fonológica contém um tom alto e há pausas entre palavras.

- (8)
- | | | | |
|----|-----------|---|-----------------------------------|
| | <i>to</i> | <i>~pho'da</i> | [top ^h õná] |
| a. | 3SG.POSS | filhos | |
| | | ‘filhos dele/dela’ | |
| | <i>ti</i> | <i>wa'i</i> | <i>~waha~ida</i> [tiwaʔí wâhãĩnã] |
| b. | 3PL.POSS | peixe | matar-NOM:PL |
| | | ‘os peixes (que foram pescados/mortos) deles’ | |

O desenvolvimento dessas formas prefixadas/proclitizadas é bastante surpreendente, já que tipologicamente, as línguas TO são quase que inteiramente “sufixais”. A hipótese de que a fonte dessa inovação tenha sido contato com línguas AR foi sugerido por Aikhenvald (2002:71) e há, de fato, paralelos óbvios entre essas formas e estruturas encontradas em todas as línguas AR da região, em que a posse inalienável é marcada por prefixos possessivos no nome possuído e os mesmos prefixos ocorrem como marcadores de pessoa em VPs (Aikhenvald 2002:62, 79; Ramirez 2001:105).

Em Kotiria, na verdade, observamos um pouco de flutuação quanto ao uso das formas completas e proclitizadas, principalmente em construções com as formas de primeira e segunda pessoa singular: às vezes, são usadas as formas completas – *yɪ'ɪ* e *~bɪ'ɪ* (ver exemplos em Stenzel 2004:194-195). No entanto, os falantes nativos são unânimes em afirmar que somente as formas reduzidas são “corretas” em construções

possessivas. Ainda não sabemos como interpretar essa variação. Por um lado, poderia indicar que a mudança das formas completas para formas reduzidas ainda se encontra em vias de gramaticalização. Por outro lado, é possível que, como Aikhenvald afirma, o contato sem dominação resulte num enriquecimento de recursos linguísticos. No caso do Kotiria, houve gramaticalização das formas proclitizadas como o meio não-marcado de indicar posse, enquanto as formas completas foram mantidas e reinterpretadas como tendo uma função marcada—de indicar foco no nome possuído em discurso. Aikhenvald afirma ainda que os pronomes podem aparecer em próclise ao verbo quando o sujeito não está em foco (2002:71), porém não encontramos exemplos desse fenômeno em nossos dados. No entanto, se a nossa análise dos dados do Kotiria de fato vier a revelar esse tipo de especialização funcional, isso seria uma evidência positiva de que a difusão areal das línguas AR pode ter acrescentado “dimensões adicionais à complexidade estrutural” das línguas TO em contato com línguas AR (Aikhenvald 2002:81, tradução nossa).

A hipótese de que o contato com línguas AR resultou no desenvolvimento desses proclíticos é reforçada por evidências encontradas em outras línguas TO. Em Kubeo, por exemplo, encontramos dois paradigmas interessantes: um conjunto de “pronomes possessivos” derivados das formas completas dos pronomes pessoais, e um conjunto de “adjetivos possessivos” proclitizados, usados na expressão de posse inalienável, como no caso das relações de parentesco (Morse & Maxwell 1999:81-82, 125-6). Formas proclitizadas de posse pronominal também se encontram em Tatuyo (Gomez-Imbert 1982:249), e em Desana, uma forma pronominal procliticizada pode ocorrer como argumento de um pós-posicional (Aikhenvald 2002:81).

- (9)
- | | | |
|---|---|----------------|
| KUBEO
(Morse and Maxwell
1999:126) | TATUYO
(Gomez-Imbert
2000:337) | DESANA |
| <i>xi-pako</i> | <i>yi-paki</i> | <i>yi~bera</i> |
| 1SG.POSS-mãe | 1SG-pai | 1SG-ACCOMP |
| ‘minha mãe’ | ‘meu pai’ | ‘comigo’ |

As inovações paralelas mais marcantes são encontradas na língua TO Retuarã, que sofreu “influência substancial da língua Aruák vizinha [Yukuna]” (Strom 1992:72, tradução nossa). O Retuarã desenvolveu não só prefixos de “concordância” que indicam o possuidor em construções genitivas, mas também são usados como marcadores de sujeito nos VPs (em paralelo direto às estruturas AR). Como nas outras línguas TO em que encontramos marcadores parecidos, uma comparação dos paradigmas revela um processo de cliticização das formas pronominais completas (Strom 1992:35).

- (10)
- | | | | |
|----------------|-------------------|-------------------------|-------------------------------|
| RETUARÃ | a. pronome | b. possessivo | c. marcador de sujeito |
| | 3MS | (Strom 1992:126) | (Strom 1992:109) |
| | | <i>ki-wi'ia</i> | <i>ki-ba'a-yu</i> |
| <i>i'ki</i> | | 3MS-casa | 3MS-comer |
| | | casa dele' | ADVLRZ -CAUS-PRES |
| | | | Ele só come aquilo.' |

3.2 Uso de classificadores de forma com animados

Tanto as línguas TO como as línguas AR têm sistemas complexos de classificação nominal. Nas línguas AR, a distinção maior indica uma dicotomia entre humanos e não humanos (Aikhenvald 2002:88-91) enquanto nas línguas TO a dicotomia maior cria as categorias básicas de animados e inanimados. Os nomes animados nas línguas TO são marcados quanto ao número por morfemas específicos, e, no caso de nomes animados referentes a humanos, há também especificação de gênero. Opcionalmente, animais como cachorros, antas ou onças, que

são altamente salientes ou importantes para os humanos, também podem levar marcadores de gênero. Um sub-conjunto de nomes animados indicam “coletivos” de entes como abelhas, cupins e peixinhos; esses nomes são inerentemente plurais e é necessário acrescentar um morfema específico para indicar uma entidade individual.

A marcação morfológica de inanimados em línguas TO é bem mais complexa. O “plural” é geralmente marcado por um único morfema *-(V)ri* (Gomez-Imbert no prelo), enquanto o “singular” é marcado por morfemas classificadores, na sua maioria sufixos (mas também podem ser raízes nominais) indicando a forma geral (e.g. Kotoria *-ka* “redondo”, *-paro* “curvado” e *-da* “filiforme”, entre outros), a distribuição dos membros individuais de um conjunto (i.e. Kotoria *-thu* “empilhados”), ou tipo (i.e. Kotiria *~phu* “folha de X”, *~yo* “palmeira de X”, etc.). Esses mesmos classificadores ocorrem em modificadores como números, demonstrativos, e partículas anafóricas. Nomes genéricos e abstratos, bem como nomes que referem a objetos sem forma pré-definida levam um marcador Ø. Modificadores de nomes genéricos levam um classificador genérico *-ye/-e* na maioria das línguas TO, sendo que esse marcador não ocorre em Kotiria,.

Em contraste com o sistema básico das línguas TO, um dos traços salientes da classificação nominal em Baniwa e outras línguas AR é o emprego de classificadores de forma tanto com nomes animados como inanimados, um traço que se disseminou a pelo menos duas línguas TO. Gomez-Imbert analisa o desenvolvimento do uso de classificadores de forma e de morfemas de gênero com nomes animados em Kubeo, um “padrão classificatório importado para a língua por ancestrais falantes de [uma língua] Aruák” (1996:464).

Há evidências de difusão, porém num grau menos extenso, do uso de classificadores de forma com animados em Kotiria também, provocando um “ajuste” semântico das categorias existentes. Nos exemplos em (11), vemos que sincronicamente, os classificadores de forma são usados para se referir tanto a inanimados como a animados em Kotiria.

(11)	CLASSIFICADOR	OCORRÊNCIA COM NOME INANIMADO	OCORRÊNCIA COM NOME ANIMADO
a.	-da 'filiforme'	<i>yo'ga-ri-da</i> pescar-NOM- CLS:filiforme 'linha de pesca'	<i>phi-ri-da</i> ser.grande-NOM-CLS:filiforme 'um ser comprido como corda' (na descrição de uma cobra)
b.	-ka 'redondo'	~ <i>ta-ka</i> 'pedra- CLS:redondo'	~ <i>su'i-ka</i> caramujo-CLS:redondo ~ <i>pn-ka</i> siri-CLS:redondo <i>kbasipo-ka</i> barata da mata-CLS:redondo <i>wapa-ka</i> minhoca cascuda-CLS:redondo
c.	-paro 'curvado'	<i>ho-paro</i> banana- CLS:curvado	<i>wapo-paro</i> lagarto-CLS:curvado

Gomez-Imbert afirma que o uso de classificadores de forma com certos tipos de fauna (animados) decorre do fato de esses animados não serem “individualizados” por nenhum outro traço saliente. Lembramos que a hierarquização das categorias de animados em línguas TO se revela na marcação morfológica. Nomes das categorias mais altas levam mais marcação (i.e. distinções de gênero e número em nomes com referentes humanos), enquanto nomes que referem a entidades das categorias inferiores não levam especificação morfológica alguma; de fato, às vezes nem são classificados como entidades singulares (o caso dos “coletivos”). A adoção do uso “aruakiano” de classificadores de forma com essas categorias inferiores facilita a identificação dessas entidades no discurso,

e enriquece os recursos linguísticos das línguas TO sem minar o sistema de classificação original. Nas palavras de Gomez-Imbert, havia nas línguas TO “uma categorização pré-existente das entidades inanimadas baseada na forma [que] simplesmente se estendeu a entidades animadas” (1996:464, tradução nossa).

3.3 O desenvolvimento do negador pré-verbal $\sim de(e)$

A negação nas línguas TO é canonicamente marcada no verbo por um morfema que ocorre depois da raiz e antes dos sufixos finais de modalidade oracional (i.e. evidenciais, interrogativos, imperativos, etc.). Em Kotiria, o morfema negativo é *-era*, como em *~basi-era-ha* ‘Eu não sei’. No entanto, há uma segunda construção negativa bastante frequente em Kotiria, na qual ocorre uma partícula negativa pré-verbal *~de* [nẽ], como vemos nos exemplos em (12). A presença dessa partícula funciona para enfatizar a proposição negada, criando uma espécie de negação “absoluta”.

- (12) ~de to-*pɛ-re* ti-*pɛ-re* ~tidi-*era-ha* andar/
 NEG REM-LOC-OBJ ANPH-LOC-OBJ caçar-NEG-VIS. IMPERF.1
 a. ‘Nunca vou caçar naquele lugar.’
 ~de ~*bari* *phnk-n* *hi-era-ra*
 NEG 1PL.INC(POSS) parente-MASC COP-NEG- VIS. IMPERF.
 b. ‘Esse absolutamente não é nosso pai.’
 ti-*re* *ɣn’n* ~bi-*pɛ-re* ~de *bo-era-~sidi-ka*
 ANPH-OBJ 1SG agora-LOC- NEG esquecer-NEG-fazer.ainda-
 c. TMP ASSERT:IMPERF
 ‘Jamais vou esquecê-las (as danças tradicionais dos Kotiria).’

Além do Kotiria, na sub-região do Uaupés, construções paralelas ocorrem somente nas línguas Tukano e Tariana, mas, significativamente, não em Baniwa.

- (13)
- | | |
|---|---|
| <p>TUKANO
 (Ramirez 1997:154)
 <i>née ia-tí-sa'</i>
 NEG querer-NEG-PRES.NON.
 VIS-NON.3
 'Não quero nada.'</p> | <p>TARIANA
 (Aikhenvald 2002:135)
 <i>Ne ma-na-kade-mba</i>
 NEG NEG-querer-NEG-PRES.NON.
 VIS
 'Não quero nada.'</p> |
|---|---|

Aikhenvald (2002:136) afirma que o Tariana adquiriu a partícula negativa pré-verbal por difusão de Tukano, e que essa “dupla negação” foi reanalisada como uma construção enfática. Ela admite, no entanto, que as línguas AR geralmente têm marcadores negativos com segmento nasal e que esse pode ser um caso de “acomodação gramatical”. De fato, encontramos em Baniwa uma construção similar com a partícula negativa *ñame*, que Ramirez (2001:196-7) analisa como uma raiz não-flexionada ‘negar’ que pede como complemento uma oração sem outra marcação de negação.

- (14)
- BANIWA**
(Ramirez 2001:196)
ñame ‘Peduru’ i-ñaba-ka
 NEG Pedro CON-comer-SUB
 ‘Pedro não comeu.’

Acreditamos que o desenvolvimento da construção com “dupla negação” em Kotiria e Tukano tem origem em estruturas AR desse tipo, que passaram por reanálise e ganharam um sentido requintado de negação enfática. Que tenha havido reanálise desse tipo não é de se estranhar, pois o padrão TO de negação morfológico no verbo ainda permanece. Ou seja, não houve equação com a estrutura AR (sem marcador negativo no verbo), e sim, o acréscimo de uma partícula pré-verbal, criando uma segunda opção de negação. É bem possível que esse

seja mais um exemplo de uma “corrente de difusões”: uma construção AR encontrada em Baniwa (e provavelmente em Tariana antigo) se difundiu para duas línguas TO em contato. A construção adotada passou por reanálise nessas línguas e foi com forma e sentido reanalisados que a estrutura se difundiu mais recentemente da língua Tukano de volta para Tariana (junto com a morfologia de negação no verbo, conforme o padrão TO).

Conclusões

Reconhecemos que a investigação dos efeitos lingüísticos provenientes de contato entre línguas AR e línguas TO ainda está no início. Carecemos de pesquisa descritiva básica de várias línguas da região, o que torna qualquer trabalho comparativo muito mais difícil. No entanto, podemos arriscar algumas conclusões de teor provisório e ainda passíveis de reformulação e/ou maior aprofundamento.

Em primeiro lugar, podemos afirmar que há inovações em Kotiria e outras línguas TO para as quais uma hipótese de origem por contato com línguas AR parece ser bastante provável. Além disso, entre as línguas TO da sub-região do Uaupés, podemos arguir que a língua Kotiria exibe um número maior de inovações dessa natureza, frutos de sua situação de contato maior com dois grupos AR e uma outra língua TO bastante “aruakizada”. Em segundo lugar, podemos dizer que vários dos elementos analisados reforçam a noção proposta por Aikhenvald, de que o contato sem dominação tende a resultar em enriquecimento de padrões. No entanto, também reconhecemos quão difícil é analisar situações de contato como as encontradas na bacia do Uaupés—precisamos ter cuidado redobrado na hora de fazer afirmações gerais, e precisamos sempre complementar as avaliações de direcionalidade de influência com uma visão histórica, para podermos considerar possíveis correntes de difusão.

Referências

- AIKHENVALD, Alexandra Y. **Areal diffusion and language contact in the Içana-Vaupés basin, North West Amazonia**. In: Robert, M. W.; Dixon & Alexandra Y. Aikhenvald (Eds.). *The Amazonian Languages*, Cambridge, CUP, p. 385-415, 1999.
- _____. **Language Contact in Amazonia**. New York: Oxford University Press, 2002.
- _____. **A Grammar of Tariana, from Northwest Amazonia**. Cambridge: CUP, 2003.
- ANDRELLO, Geraldo; BUCHILLET, Dominique; AZEVEDO, Marta. **Levantamento Sócio-Econômico, Demográfico e Sanitário de Iauaretê**. Iauaretê/Centro: Instituto Socioambiental, 2002.
- BRANDÃO DE AMORIM, Antonio. **Lendas em nheengatu e em português**. Manaus: Fundo Editorial - ACA, 1987.
- CHERNELA, Janet M. **The Wanano Indians of the Brazilian Amazon: A Sense of Space**. Austin: University of Texas Press, 1993.
- EPPS, Patience. **A Grammar of Hup**, University of Virginia - PhD (dissertation), 2005a.
- _____. **Areal Diffusion and the Development of Evidentiality: Evidence from Hup**. *Studies in Language*, 2005b. 29, p. 617-649,
- _____. **The Vaupés melting pot: Tukanoan influence on Hup**. In: ROBERT M. W.; DIXON & ALEXANDRA Y. Aikhenvald (Eds.). **Grammars in Contact**. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 267-289
- FOIRN & ISA. **Levantamento socioeconômico, demográfico e sanitário da cidade de São Gabriel da Cachoeira**. São Gabriel da Cachoeira: FOIRN/ISA, 2006.

_____. **Povos indígenas do alto e médio Rio Negro: uma introdução à diversidade cultural e ambiental do noroeste da Amazônia brasileira.** Brasília: MEC/SEF, 2006.

GOLDMAN, Irving. **The Cubeo: Indians of the Northwest Amazon:** Illinois Studies in Anthropology Urbana: University of Illinois Press, 1963. (n. 2). [S.l.]

GOMEZ-IMBERT, Elsa; HUGH-JONES, Stephen. **Introducción al estudio de las lenguas del Piraparaná (Vaupés).** In: GONZÁLEZ DE PÉREZ, Maria Stella; RODRÍGUEZ DE MONTES, Maria Luisa (Eds.). **Lenguas Indígenas de Colombia: una Visión Descriptiva.** Santafé de Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 2000. p. 321-356.

GOMEZ-IMBERT, Elsa. **La Expresión de la Posesión en Tatuyo.** In: **Revista del Instituto Colombiano de Antropología**, XXIII, 1981. p. 111-124.

_____. **De la forme et du sens dans la classification nominale en tatuyo (langue Tukano orientale d'Amazonie colombienne),** Ecole Pratique des Hautes Etudes - IVe Section, Université Paris-Sorbonne, Doctorat de Troisième Cycle, 1982.

_____. **Force des langues vernaculaires en situation d'exogamie linguistique:** le cas du Vaupés colombien, Nord-ouest amazonien, Cahiers des Sciences Humaines, 1991. 27, p. 535-559.

_____. **Problemas en torno a la comparación de las lenguas Tukano orientales,** Estado actual de la clasificación de las lenguas Indígenas de Colombia, Santafé de Bogotá, Instituto Caro y Cuervo, 1993. p. 235-267.

_____. **When Animals Become “Rounded” and “Feminine”:** Conceptual Categories and Linguistic Classification in a Multilingual Setting. In: GUMPERZ, J. J.; LEVINSON S. C. (Eds.). **Rethinking Linguistic Relativity,** Cambridge, CUP, 1996. p. 438-469.

_____. **Variations tonales sur fond d'exogamie linguistique.** In: **Cahiers de Grammaire**, 1999. 24, p. 67-94.

_____. **Famille Tukano.** In: **Dictionnaire des langues du monde.** Paris: Presses Universitaires de France. (No prelo.)

_____. **Fonología de dos idiomas tukano del Piraparaná:** barasana y tatuyo, *Ameríndia*, 2005. 29/30, p. 43-80.

GONZÁLEZ DE PÉREZ, Maria Stella; RODRÍGUEZ DE MONTES, Maria Luisa (Eds.). **Lenguas Indígenas de Colombia:** una Visión Descriptiva. Santafé de Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 2000.

HEINE, Bernd; KUTEVA, Tania. **Language Contact and Grammatical Change.** Cambridge: CUP, 2005.

JACKSON, Jean E. **The Fish People.** Linguistic Exogamy and Tukanoan Identity in Northwest Amazonia. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

KENSTOWICZ, Michael. **Phonology in Generative Grammar.** Cambridge/MA.: Blackwell, 1994.

KLUMPP, James; KLUMPP, Delores. **Sistema Fonológico del Piratapuyo.** Sistemas Fonológicos de Idiomas Colombianos. Lomalinda: Instituto Lingüístico de Verano/Editorial Townsend, 1973. p. 107-120.

KOCH-GRÜNBERG, Theodor. **Dos años entre los indios; viajes por el noroeste brasileño 1903/1905.** Santafé de Bogotá: Editorial Universidad Nacional, 1995a. (Publicação original: Berlin, 1909). (v. 1).

_____. **Dos años entre los indios; viajes por el noroeste brasileño 1903/1905.** Santafé de Bogotá: Editorial Universidad Nacional, 1995a. (Publicação original: Berlin, 1909). (v. 2).

MEIRA, Sergio; GOMEZ-IMBERT, Elsa. **Review of:** Aikhenvald, A. Language Contact in Amazonia, Studies in Language, 2005. 29, p. 168-78.

MILLER, Marion. **Desano Grammar:** Studies in the Languages of Colombia 6. Arlington: Summer Institute of Linguistics/University of Texas, 1999.

MORSE, Nancy L.; MAXWELL, Michael B. **Cubeo Grammar:** Studies in the Languages of Colombia 5. Arlington: Summer Institute of Linguistics/University of Texas, 1999.

NEVES, Eduardo. **Paths in Dark Waters:** Archaeology as Indigenous History in the upper Rio Negro Basin, PhD (dissertation) - Northwest Amazon, Indiana University, 1988.

_____. **Indigenous historical trajectories in the upper Rio Negro basin.** In: MCEWAN, Colin; BARRETO, Cristiana; NEVES, Eduardo (Eds.). Unknown Amazon. **London:** The British Museum Press, 2001. p. 266-286.

RAMIREZ, Henri. **A fala Tukano dos Ye'pâ-Masa.** Manaus: CEDEM, 1997. (Tomo I, Gramática)

_____. **Línguas Arawak.** Manaus: Universidade do Amazonas, 2001.

RIBEIRO, Berta G. **Os índios das águas pretas:** modo de produção e equipamento produtivo. São Paulo: Companhia das Letras - EdUSP, 1995.

SORENSEN, Arthur P. Jr. **Multilingualism in the Northwest Amazon.** American Anthropologist, 1967. 69, p. 670-684.

_____. **An Emerging Tukanoan Linguistic Regionality:** Policy Pressures. South American Indian Languages: Retrospect and Prospect, Harriet E. Manelis Klein & Louisa R. Stark (eds), 140-56. Austin: University of Texas Press, 1985.

STENZEL, Kristine. **A Reference Grammar of Wanano**, PhD (dissertation) - University of Colorado, 2004.

_____. **Multilingualism: Northwest Amazonia Revisited**. In: II Congress on Indigenous Languages of Latin America CILLA, Austin, Texas, 2005a.

_____. **Review: Language Contact in Amazonia**. Alexandra Y. Aikhenvald. In: International Journal of American Linguistics, 2005b. 71, p. 505-07.

_____. **Glottalization and other suprasegmental features in Wanano**. In: International Journal of American Linguistics, 2007. 73, p. 331-366.

STROM, Clay. **Retuarã Syntax: Studies in the Language of Colombia 3**. Arlington: Summer Institute of Linguistics/University of Texas, 1992.

VALENCIA LÓPEZ, Simón. **Pamiene Toivaiyede Mahikaitukubo**. Cartilla para Aprender a Escribir. Pamie (Kubeo): Centro Experimental Piloto, 1994.

WALTZ, Nathan E. **Innovations in Wanano (Eastern Tucanoan) when compared to Piratapuyo**. In: International Journal of American Linguistics, 2002. 68, p. 157-215,

WHEELER, Alva. **Comparaciones Lingüísticas en el Grupo Tucano Occidental**. In: STEPHEN H., Levinsohn (Ed.). **Estudios Comparativos Proto Tucano**. Santafé de Bogotá: Editorial Alberto Lleras Camargo, [s.d.]. 1992. p. 17-53.

WRIGHT, Robin M. **História indígena e do indigenismo no Alto Rio Negro**. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras/Instituto Socioambiental, 2005.

ANEXO 1. A FAMÍLIA LINGÜÍSTICA TUKANO

